

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

REDACTOR: GOMES DOS SANTOS

**Condições da assignatura**—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1,5200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1,0000 reis. Numero avulso, 100 reis.

**Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

ASPECTOS SOCIAES

## O castigo

Dias depois de rebentar a terrivel erupção da Martinica, que encheu de luto e de sangue a França inteira, um jornal inglez, catholico, inseria uma carta d'aquella ilha, onde se relatavam os insultos que o jacobinismo mais desenfreado dirigia á Sagrada Familia e a Deus. Esses dementados, cegos pelo esplendor d'uma civilisação que attribuem a elles proprios, julgavam poder dispensar Deus da intervenção nas cousas da terra; e percorriam, quantas vezes, em massa, as ruas de S. Pedro, soltando furibundos clamores onde se desenhavam horribeis blasphemias.

Estão vendo a scena os nossos leitores, no que ella tem de tragico e impressionador. Estão vendo esse espectáculo com os olhos da alma e estremecem, horrorisam-se com o castigo, mas não podem deixar de achalo justo.

Havia muito que na Martinica os sacerdotes não podiam sair á rua, sem sentirem correr atraz de si toda a matilha anti-catholica, que chegava a apedrejal-os e a feril-os. Os insultos eccoavam onde quer que elles passassem e as auctoridades, tolerantes, fechavam os olhos complacientemente a estas infamias e blasphemias. Como em França! Como em Portugal!

Não se podiam realizar procissões porque os dominadores da ilha as achavam «espectaculos de outras eras», consideravam-nas «ridiculas e apparatus ostentações do culto», encaravam-nas como «manifestações dos reaccionarios para attrair almas desprevenidas.» Os mais simples actos do culto praticavam-se com difficuldade, porque a turba se oppunha e a turba era o numero, era a força...

Assaltavam-se de noite os conventos, que eram infamemente apedrejados; as benemeritas Irmãs que tinham a seu cargo dois estabelecimentos escolares, se atravessavam a pé qualquer arteria da pequena cidade de S. Pedro, ouviam injurias que fariam córar o mais endurecido criminoso. Tudo isto se tolerava e consentia, animando-se os amotinados com esta impunidade.

Quando o vulcão já prenunciava a funebre catastrophe, lançando grossas volutas de fumo pela cratera,

aberta e hiante, grupos de jacobinos, dos peores, dos mais infames, percorriam as ruas de S. Pedro, entoando canções blasphemias. O seu estribillo, o leitmotiv de todas as canções eram estas duas phrases que a penna se envergonha de tracejar: *A Virgem á cavalariça! Christo á estrebaria!*

Não os amedrontava a ideia d'um justo castigo, nem pensavam que breve pagariam com a vida, e o que é peor, com a alma, as infamias commettidas e as injurias pronunciadas. Comtudo, a justa punição não tardou; foi mais rapida que a justiça humana.

O vulcão entrou mansamente n'um periodo de actividade e os ebrios em delirio que transitavam pela cidade, apupando sacerdotes, puderam ver, noites seguidas, um ligeiro pennacho de chammias a crepitar na escaleira do vulcão — espectáculo pavoroso, esse que é constituido pela serenidade que precede as grandes catastrophes!

As chammias augmentaram, accresceram, tornaram-se enormes como nuvens e immensas como o mar; e, de subito, quando o panico, o terror já refreára as manifestações e puzera na espinha um gelido estremecimento, a cratera rebentou, horrorosamente, estilhaçando os ares no fragor da arremettida.

Foi simples mas pavoroso. A lava entrou de correr pela collina em direcção á cidade, açambarcando os campos, conquistando terreno com incrível celeridade. Corriam os habitantes deante d'esse mar de fogo, de reflexos sanguineos e azulados, mas mais corriam as ondas ardentes que o vulcão despejava com



S. Lucio, Bispo

impetuosidade sempre crescente.

N'um instante a chamma lambeu as primeiras casas da cidade e enguliu-as. Já não havia salvação possivel. No seu furor inaudito, irrompeu na cidade, espalhou-se pelas ruas, rodeou as edificações como uma serpe enorme, lambeu com o seu halito as paredes e suffocou, n'um abraço monstruoso e horriavel, todos os organismos vivos.

Trinta mil pessoas, trinta mil insultadores de Deus, trinta mil blasphemadores foram assim engulidos n'aquelle mar de fogo, calcinados, reduzidos a torresmos, deglutidos na maré enorme cujo contacto prostrava, cuja respiração causava a morte. N'um instante tudo desapareceu sepultado sobre brazas ardentes; escapou aqui e alli um ou outro justo; mas nenhum dos blasphema-

dores da vespera conseguiu pôr-se a recato, evitar a morte que desceu das montanhas, por mandato da Providencia.

Atterra e assombra, não é verdade? Lamentamos as victimas, condoemo-nos da pavorosa morte; mas, em face d'esta catastrophe, que a piedade catholica pode conjecturar como providencial, devemos inclinarnos e respeitar os altos juizos de Deus!

G. S.

COMPANHIA DE JESUS

## Galeria de homens notaveis

CCCXLVI

## P. Francisco Catrou

Foi este sabio religioso quem, com outros confrades da mesma Ordem, começou a publicar em Trevoux (França) um periodico litterario. E' conhecido com o nome de *Jornal de Trevoux* ou *Memorias para servir á historia das sciencias e das bellas artes*.

Esta publicação, que é para a Companhia de Jesus o maior titulo de gloria nos annaes da litteratura franceza, principiou em 1701, e durou até 1762, epocha da destruição da Ordem em França.

O P. Francisco Catrou, nascido em Paris, no anno de 1659, foi por espaço de doze annos principal redactor do *Jornal de Trevoux*. Exerceu esta missão com muita honra, e com geral applauso dos homens sabios da Europa.

O jesuita Catrou tambem exerceu com distincção o ministerio do pulpito, sendo considerado como um dos melhores prégadores do seu seculo. Falleceu em 1737.

Alem do jornal mencionado, que foi no seu tempo o oraculo dos sabios e a fonte da boa critica, Catrou escreveu varias obras historicas e poeticas, muito estimadas pelo seu estylo e pela elegancia e interesse da narração.

Merece tambem especial menção a obra que elle publicou contra o protestantismo e as seitas que d'elle se derivam, ou que o produziram. Catrou mostra o fanatismo da religião protestante.

Concluindo este topico relativo ao jesuita Catrou, farei notar que d'aqui se manifesta o character dos trabalhos intellectuaes da Companhia de Jesus. Quem não reconhece os servicos feitos ás lettras e os beneficios prodigalisados á humanidade pela Ordem de Santo Ignacio?

O breve quadro, que temos apresentado n'esta *Galeria*, serve para demonstrar que em todos os tempos, bem como em todos os paizes, os jesuitas foram os apóstolos da sciencia humana, como eram os propagadores da fé divina e da moral christã.

Os jesuitas tem desempenhado no mundo esta duplicada missão tão gloriosa como difficil; e pela instrucção, pelas ideias de toda a natureza que elles espalharam por toda a parte, attingiram o fim religioso a que se propunham.

Muitos escriptores heterodoxos não deixam de confessar esta verdade, que realmente só pôde ser negada pela ignorancia e pela paixão; e por isso em vão clamam os chamados philosophos do nosso tempo.

O jesuita Francisco Catrou distinguuiu-se no campo das sciencias e da litteratura, na theologia e na polemica religiosa. Era dotado d'um genio e imaginação viva, qualidades que sempre conservou em toda a sua vida, não obstante a edade avançada em que morreu.

O *Jornal de Trevoux* que elle redigiu com outros confrades (passam de 16 os principaes jesuitas collaboradores do dito periodico), compõe-se de 300 volumes em pequeno formato.

Quando na França foi extinta a Companhia de Jesus, acabou aquella publicação, como já notei. E' verdade que ainda continuou por algum tempo sob diverso titulo, e até varios homens de lettras tentaram resuscitar as *Memorias de Trevoux*, mas nada conseguiram.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

ESTUDOS

## O perigo socialista

Qual o fim da conspiração? Conhecidas as tendencias e ideias de Babœuf, não é difficil adivinhal o. Tratava-se de proceder a uma nova repartição dos bens, sob a direcção d'um governo de «verdadeiros, puros e absolutos democratas». Babœuf e o seu grupo, inimigos da propriedade, preparavam-se assim para a conquista do poder. Os membros d'esta terrivel facção que adoptára por divisa: «Constituição de 1793», e por lemma: «Os que usurpam a soberania devem ser mortos sem piedade pelos homens livres», estes membros, diziamos, tinham se condecorado a si proprios com a expressiva designação de *Eguae*. Publicou-se o programma dos *Eguae*, redigido por Sylvain Marechal. Como adiante veremos, todo esse programma respira sangue e odio: Exhala o cheiro repugnante que sae dos matadouros. Descoberta a conspiração por um traidor — valiam-se uns aos outros, os *Eguae* — Babœuf foi condemnado á morte, com Buonarotti, seu principal cumplice, e a maioria dos conspiradores presos. E aqui finda a vida d'este homem sanguinario, demolidor, prompto a derramar torrentes de sangue, e que os socialistas por muito tempo levantaram nos seus escudos, proclamando-o mestre e martyr!

A obra de Babœuf é o celebre manifesto dos *Eguae*, que elle inspirou a Sylvain Marechal. Esse manifesto, mil vezes reproduzido e estudado, por Mignet na *Histoire de la revolution*, na *Histoire du communisme* por Alfred Sudre, por Janet nas *Origines du Socialisme Contemporain*, é um documento que, lido ainda hoje no remanso do gabinete, fora das paixões da epocha, accusa os mais perversos intuitos, os mais odiosos fins.

O inquerito judiciario feito no processo de Babœuf, a que não alludimos para não cançar a attenção do leitor, não é mais interessante nem menos completo, para nos revelar o seu carater, que o celebre manifesto. Vamos analysar com alguma demora a obra de Babœuf, insistindo nos pontos capitaes que servem para determinar, em quatro traços, o seu *fac-simile* moral.

O manifesto começa por plagiar indecentemente Rousseau, reproduzindo, com poucas alterações, o discurso do philosopho sobre a desigualdade. Escreve-se no manifesto: «Não mais a propriedade individual das terras. Queremos e reclamamos o goso commum de todos os fructos. Os fructos são de toda a gente. A propriedade é o maior flagello da sociedade; é um verdadeiro delicto publico.» E' o pensamento fundamental do philosopho de Genebra que affirmava ser a propriedade um roubo. Não se está vendo, n'esta filiação historica, que foram os encyclopedistas, afinal, que prepararam as loucuras e attentados do futuro?

Sobre a liberdade, a egualdade e a propriedade, o manifesto expressa-se da seguinte maneira: «N'uma verdadeira sociedade não deve haver ricos nem pobres. Os ricos que não querem renunciar ao superfluo em favor dos indigentes, são inimigos do povo; devem ser mortos. Imponhamos-lhe a egualdade real ou a morte.

Desgraçados dos que encontrarmos entre nós e os pobres!» E' a incitação á sangueira, ao morticínio, o prego maldido do assassinato, do homicídio! «A revolução franceza é apenas a vanguarda d'uma revolução maior, mais solemne e que será a ultima. O povo caminhará sobre os corpos dos reis e dos padres colligados contra elle; far-se-ha o mesmo aos novos tyrannos, aos novos tartufos politicos que se substituíram aos antigos. Não queremos só a igualdade transcripta nos direitos do homem e do cidadão; tambem a queremos no meio de nós, sob o tecto das nossas casas. Por ella, faremos tudo; para a obter e conservar estamos promptos a passar por cima de todos.»

E' esta ainda hoje a egualdade reclamada pelos revolucionarios; começam por affirmar-a, tyrannizando todos que a ella se oppõem. Mas Babeuf vae mais longe:

«Pereçam, se fôr preciso, todas as artes, mas fiquemos a egualdade real. Chegaram os dias de restituição geral. Haja um só homem sobre a terra, mais rico, mais poderoso que os seus semelhantes, os seus eguaes, e o equilibrio está destruido: o crime e a desgraça estarão sobre a terra.» E' a aniquillação de toda a emulação, de toda a familia, de todos os direitos adquiridos; é a malfeitoria e o roubo erigidos em lei e systema.

Acabamos de analysar as tendencias geraes de Babeuf e dos seus cumplices, o seu socialismo incipiente. Procuremos agora no manifesto os meios com que o sanguinario conspirador pretendia edificar esse regimen desolador e impraticavel: «O povo está em insurreição contra a tyrannia. Os que usurpam a soberania, deverão ser executados pelos homens livres. Toda a revolução será suffocada immediatamente pela força. Os adversarios serão exterminados. Egualmente se dará morte aos que tocarem ou façam tocar á retirada, e aos estrangeiros, de qualquer nação que sejam, que se encontrem nas ruas. As ilhas Marguerite, Honoré, Hyeres e Oleron serão convertidas em estabelecimentos de correção para onde se enviarão, para serem obrigados a trabalhos forçados, os estrangeiros suspeitos e os individuos presos.» Veja-se como este regimen egualitario só favorecia uma parte dos cidadãos, isto é os que apoiassem esta odiosa tyrannia. Os suspeitos e estrangeiros seriam condemnados a trabalhos forçados.

«O povo, continua o manifesto, não descansará enquanto não destruir os ultimos vestigios do governo tyrannico.» Sangrenta allusão! Só quando desaparecesse o ultimo dos adversarios, quasi um paiz inteiro, é que os demagogos exaltados dariam descanso á guilhotina e embainhariam os punhaes. «Todos os bens dos emigrados, dos conspiradores e de todos os inimigos do povo serão immediatamente distribuidos aos defensores da patria. No fim da insurreição, os cidadãos pobres, que estão actualmente mal alojados, não voltarão para as suas residencias ordinarias; serão immediatamente installados nas casas dos conspiradores. Tomar-se-hão aos ricos os moveis necessarios para mobilar com decencia as casas dos *sans-culottes*.» Depois do assassinio, o roubo e o saque; depois do saque, a partilha. Eis o que nos espera quando rebentar a revolta vermelha, que agitadores sem escrupulos, dominados verdadeiramente por um espirito malefico, andam para ahi a incitar na quasi impunidade, minando o sub-solo social.

A grande fallencia dos planos socialistas de Babeuf dava-se, como ainda hoje entre os socialistas contemporaneos, no campo economico. Um decreto abolia o direito de successão *ab intestato* e por testamento. E, como se não prendiam com pequenas cousas, inseriram no manifesto este simples paragrapho que resolvia,

com um traço de penna, uma das nossas maiores difficuldades economica: «A divida nacional é declarada extincta para todos os francezes. A republica pagará aos estrangeiros o capital das rendas perpetuas que lhes deve.» Que facilidade na resolução do problema que hoje preoccupa as maiores nações!

Basta. O leitor fica sufficientemente illucidado sobre os planos de Babeuf. Esses planos—nunca é demais insistir—representam o ponto de partida do socialismo moderno. Babeuf e Bentham são os ultimos precursôres socialistas; depois seguem-se os fundadores, inspirados, mais ou menos, nas ideias expendidas no manifesto redigido por Sylvain Maréchal. O socialismo tem esta triste filiação, esse socialismo que a toda a hora ouvimos fazer descender da sciencia. Que abuso de palavras e que ultrage para a sciencia que todos nós temos o dever de respeitar e de amar! Examinado o programma de Babeuf, fica se comprehendendo a pobreza de ideias e a carencia de conhecimentos sociaes revelada. Babeuf era um criminoso e, simultaneamente, um doente dos principios bebidos nas obras dos encyclopedistas; Monaghan chega mesmo a chamar-lhe o filho da philosophia. Sugou bem o veneno dos desmoralisadores do seu seculo e mostrava-se verdadeiramente digno filho dos seus paes: o encyclopedismo e a revolução do Terror. E' assim que o mal se propaga, escreve um pensador illustre. Semeia-se uma ideia falsa nos cerebros ardentes das multidões... Essa ideia germina, cresce, estala... e eis o que a humanidade recolhe: sangue e lagrimas, dor e lucto.

Babeuf foi seguido de perto por Bentham. Dois extremos. Bentham não era um sanguinario; era um visionario corrompido pela moral da epocha e sem esses solidos principios da moral christã que são a base de todos os actos da vontade e do raciocinio. Temperamento menos exaltado do que o do seu antecessor, Bentham trouxe ainda assim á humanidade com as suas doutrinas o seu contingente de amarguras e de dolorosas decepções.

Jeremias Bentham, que tão larga influencia exerceu no seu tempo, era, como diz Luiz Reybaud, o mais notavel representante d'essa moral moderna que se funda sobre o calculo e substitue o pensamento e o sentimento pelo mais descabido positivismo. A base do seu systema, se systema se lhe pôde chamar, era o enfraquecimento das ideias religiosas que produziriam na humanidade um estado moral proprio e adequado ao cultivo dos seus principios. Os homens seriam conduzidos á sociedade futura pelo interesse e nenhum pensador se lembrara ainda de conduzir os homens á virtude por tal caminho. No fundo, vemos o velho egoismo humano, favorecido pela falta de religião e desenvolvido pela absoluta ausencia de escrupulos moraes que só se levantam, como inultrapassavel barreira, na consciencia dos crentes.

Descrevendo as characteristics do systema, Luiz Reybaud escreve dolorosamente no livro *Jeremie Bentham, ses memoires et son systeme*: «As theorias que levam á pratica do bem, por causa da utilidade que d'ahi resulta, não são, pois, de invenção recente; tem alguma cousa de triste: o attestar ao mesmo tempo uma decadencia nos costumes publicos e um rebaixamento no principio que governa as sociedades humanas.» O alvo supremo dos esforços de Bentham era levar os individuos a adquirirem a mais absoluta liberdade; a somma das liberdades individuaes havia de dar, mathematicamente, a felicidade geral. Mas não deu nem daria. A liberdade tem limites; podemos gosar d'ella até ao extremo de não prejudicar outrem, isto é, até ao

reconhecimento dos direitos dos nossos semelhantes. Liberdade para nós que vae coarctar a do visinho já não é liberdade, é tyrannia. Comprehende-se como seria facil a invasão dos direitos alheios na sociedade ideal com que elle sonhava, despida de espiritalismo, sem fé, sem crenças e sem senso, impregnada do egoismo mais feroz.

Jeremias Bentham, dizem os seus biographos, mesmo os adversarios que vamos seguindo, tinha uma poderosa intelligencia, uma especie de «virtude raciocinada, logica, egoista.» Espirito methodico e mathematico traçara no seu cerebro um circulo, demasiado estreito, limitado por certas ideias pouco generosas e queria encerrar a humanidade inteira dentro d'aquelle aperreado ambito. Podel o-hia fazer? Bentham acreditava que sim. Imaginava, desvairado pelos proprios exaggeros d'uma philosophia nova, que é dado ao homem supprir inteiramente a Providencia e que a marcha da humanidade é apenas um engenhoso mechanismo de que se pode determinar a formula, o movimento. Discipulo aferrado de Malthus, d'esse feroz economista, seguia-lhe as doutrinas ainda já depois da sua condemnação universal. Lisongeava-se, como o mestre, de poder estabelecer o equilibrio entre a população do globo e os productos alimentares pela supressão violenta das existencias que excediam o algarismo correspondente á quantidade de producção. Por este meio contavam Malthus e depois d'elle Bentham extirpar radicalmente o pauperismo. Não nos deteremos a combater esta doutrina que hoje ninguem já acceita. A terra, que conta actualmente mil e quatrocentos milhões de homens, pode sustentar—provaram-nos ultimas estatisticas especiaes sobre o assumpto — cinco mil milhões de seres. Estes algarismos respondem eloquentemente á absurda theoria das progressões diversas no augmento da população e no augmentos dos generos de consumo...

A moral dos porcos de Epicuro e até a do philosopho Zenon instillára-lhe no espirito os peores dictames. Enfraquecer a responsabilidade do individuo em proveito do seu bem estar e em detrimento da virtude, tal parece ser a divisa do sociologo inglez, precursor d'uma escola socialista actual. Bentham condemna os impulsos instinctivos, espantaneos e elevados da alma, porque esses impulsos, no seu dizer, são inimigos contra os quaes devemos estar precavidos. A dedicação é uma decepção e o sacrificio uma loucura. «Para julgar do merito das cousas, a communidade e o individuo são convidados a avaliar os seus resultados, moraes ou materiaes, pouco importa.» (Reybaud) A existencia fica pois convertida n'um perpetuo calculo; supprimem-se as paixões para deixar apenas subsistir uma só, o egoismo. E' incrível que os precusores *socialistas* tivessem sido ferozmente *egoistas*; mas é verdade. A filiação das utopias mais risonhas encontra-se, geralmente, nos extremos contrarios. Esboçado assim o systema, comprehende-se com facilidade porque é que prégava Bentham a guerra á religião, qualquer que ella fosse, mas, sobretudo, á catholica. Os que pregavam a abstinencia em lugar da satisfação, os que preconisavam o despojo individual das riquezas e bens para socorrer os pobres, eram anti-egoistas, e, por consequencia, inimigos do systema. Bentham, para condemnar a religião, não tinha motivos de ordem moral especulativa; essa attitude em frente da crença era-lhe aconselhada pela defeza propria do systema. Emquanto o christianismo impozesse a caridade, isto é, o esquecimento de si proprio pelos outros, elle bem sabia que o instincto do homem se recusaria a acceitar a sua doutrina. Este miseravel systema social pode, em ultima analyse, resumir-

se n'estas linhas com que um escriptor allemão, Ed. Gans, encerra o livro *Visite à Jérémie Bentham*: «O util era para elle o movel de todas as acções humanas, e tudo quanto se possa conceber de bello, de divino, anniquilava-o elle no cadinho d'onde sahia o metal amoe-dado.»

As extraordinarias doutrinas d'este pretendido reformador, vistas atravez do telescopio das paixões de cem annos de lucta, são de tal forma offensivas do nosso espirito, da nossa intelligencia, das nossas ideias, d'essas noções do Bello e do Justo, do Bem e da Verdade, que Deus semeiou em nossas almas como flores cujo perfume enebria e cujo odor nos faz esquecer as agruras e cardos terrenos, que mais parecem uma calunnia attribuida a Bentham do que a expressão veridica do seu pensamento e da sua vontade. Segundo o philosopho, o *acaso* é que determina as acções da vida; substitue-se Deus pelo fatalismo. Todas as acções se dividem em *uteis e prejudiciaes*; as *uteis* podem praticar-se, não importa como, com tanto que nos beneficiem. Um crime, a admittirmos esta moral hypocrita, se nos tornar ricos ou poderosos, é uma acção que nos é util e, portanto, é uma acção absolvida! A moral socialista-anarchista de hoje não se distingue d'esta; é o perfeito culto do egoismo; sendo o que redundo em beneficio do individuo, ainda que lese a especie, é uma acção util.

Continuemos na analyse do systema de Bentham. Ao tratar da moral social, surge-nos este paradoxo: «Na lista dos vicios, se se encontrar uma acção indifferente ou um prazer innocente, porque condemnar o que não faz nenhum mal quer ao individuo, quer á especie?» Bentham não explica como é que uma acção ou um prazer innocente pode figurar na lista dos vicios; só, se admite a existencia de vicios innocentes, o que é paradoxal. Referindo-se á legitimidade de meios, escreve: «O abuso é um mau meio, mas é um meio legitimo, tão legitimo como o uso.» A sociedade idealizada por Bentham, falha assim das mais elementares noções de justiça, seria a verdadeira anarchia, pois que a permissão do abuso, convertida pelo instincto em permissão permanente, daria ao individuo irresponsabilidade juridica completa.

A moral preconizada por Jeremias Bentham é francamente materialista, como a que hoje pregam, sem excepção, as diversas *nuanças* do socialismo. Querem ver as ideias de Bentham sobre a virtude? Oiam: «Falla-se da virtude, do dever; mas que significam essas palavras senão a utilidade bem comprehendida, o interesse bem comprehendido? A virtude verdadeira deve ser apenas o sacrificio d'um interesse menor a um interesse maior, d'um interesse passageiro a um interesse duravel, d'um interesse precario a um interesse assegurado. Logo, a virtude não é, a maior parte das vezes, senão um calculo; implica em todos os casos o respeito do que é util aos outros e a nós proprios; aos outros porque é o unico meio de obter directamente o que nos aproveita.» E' esta a moral que o socialismo pretende substituir á moral christã. O desinteresse do pensamento christão, a virtude, a fé, a caridade, a providencia são coisas retrogadas e antiquadas! Venha substituil-as o calculo, o interesse, o proveito. E pensarão estes desvairados que a humanidade, mesmo fortemente convulsionada pela propaganda feroz e acerrima dos sectarios, ha de acceitar algum dia semelhantes principios?

E' certo que a influencia de Bentham e dos seus discipulos tem sido fatal. Os povos não se batem já pela honra ou pelo brio cavalheiresco de outros tem-

pos; battem-se pelas riquezas, pelo oiro. A exemplificar este axioma ahi temos, a guerra anglo-transwaliana produzida pelos ricos banqueiros da *city* que, emquanto boers e inglezes se chacinavam em Africa sem saberm porquê e apenas por obediencia, esperam que o oiro das minas e dos *rangs* lhe entre pelo cofre, com toda a tranquillidade. De todos os lados vemos a humanidade—não toda, felizmente—precipitar-se com a velocidade do desejo para o util, lançando para traz de si o que constituiu a mais nobre característica dos nossos antepassados: o desinteresse, a abnegação e a moderação, que hoje se refugiaram em casa de tres ou quatro pessoas ou correram a abrigar-se entre as paredes sombrias dos claustros, florescendo ainda como outr'ora, entre essas admiraveis congregações que espalham o bem e vão até ao sacrificio sem nada quererem e sem nada pedirem. Os fructos da obra doutrinaria de Bentham, condensa-os Luiz Reybaud, historiador insuspeito, n'esta admiravel synthese: «Bentham entrou no paiz das chiméras e d'essa excursão a sociedade apenas recolheu dolorosas realidades.»

Com Bentham encerra-se o cyclo dos precursôres socialistas. Os leitores viram passar, deante dos seus olhos, essa longa galeria de homens que se intitulam reformadores dos seus semelhantes e que pretendiam banir de toda a sociedade humana aquillo que a sustenta e mantem na elevada escala dos seres creados. Viram os devaneadores socialistas começarem por pregar a guerra á lei e ás regras, insubordinados, sempre revoltados, sempre violentos, sempre promptos para as mais radicais transformações. Viram os stygmats que todos traziam no rosto; uns com o intellecto n'um estado morbido; outros dominados pelos peiores instinctos, como a vaidade, a inveja, a ambição e a vingança. Viram como todos elles, refinadamente hypocritas, inscreveram no seu estandarte, em letras bem visiveis a felicidade do genero humano, essa felicidade que havia de resultar mathematicamente das reformas a fazer, quando a egualdade e o nivel fossem estabelecidos entre os homens pela decepção das cabeças que estivessem mais altas. Loucos, doudos, criminosos, doentes; uns como Babœuf, acabando na guilhotina, outros como Campanella e Harrington, morrendo nos hospitaes de alienados—eis os homens que pretendiam reformar a sociedade, exactos *fac-similes* dos que lhe succederam, que continuam a espalhar, no meio da criminosa cumplicidade de todos, as mesmas doutrinas e os mesmos principios.

Está feita a historia dos precursôres do socialismo; é t-mpo de passarmos á dos fundadores. Os leitores vão encontrar quasi os mesmos personagens, vestidos com roupagens mais modernas e usando outros nomes. No fundo, os mesmos. Se os precursôres do socialismo eram loucos e criminosos, os fundadores do socialismo são criminosos e loucos.

## II

### Os fundadores

No periodo da fundação do socialismo não ha esforços isolados como até ahi; os fundadores surgem de todos os lados; cada um traz uma quota parte das suas ideias no fundo colectivo. Mas o que caracteriza os inicios d'este periodo é a versatilidade de ideias e mais ainda a diversidade de esforços. Saint Simon, Owen, Fourier tem tendencias differentes; possui cada qual o seu systema, e escusado será dizer que todos esses

systemas, mais ou menos aperfeiçoados, giram sobre a ideia geral da transformação do existente para a sociedade comunista-anarchista, sem crença, sem moral e sem principios, Saint Simon appareceu depois de Bentham; foi um representante authenticos dos desorientados do principio do seculo XIX. A revolução franceza, que ninguem pôde condemnar em absoluto, déra volta á cabeça dos philosophos pouco seguros; todo o vasto trabalho destruidor da Encyclopedia deu fructos como as doutrinas de Saint Simon. Mais theosopho que socialista, Saint Simon teve uma vida quasi desconhecida; os seus discipulos é que lhe alargaram a doutrina, dando-lhe novos ambitos e falseando-a até em diversos pontos. Saint Simon vinha da nobreza; era barão, segundo cremos; tal qual como esses philosophos revolucionarios de hoje, como Kropotkine e outros, que renunciam á fidalguia do berço para irem prejudicar o povo com doutrinas erroneas. Esse moço barão, conforme elle proprio affirma, «estudava a marcha do espirito humano para trabalhar em seguida para a perfeição da especie.» Ha n'isto uma especie de darwinismo inconsciente; onde a differenciação se accentua é no *processus* a empregar para attingir aquelle fim. Disse-mos acima que Saint Simon era mais theosopho que socialista. No seu livro *Nouveau Christianisme* censura á doutrina de Jesus a completa ausencia d'um elemento sensual; reprova a eterna e bemdita lucta da Igreja catholica contra as paixões, e reclama um perfeito accordo entre a materia e a intelligencia, uma união entre o corpo e o espirito. N'estas censuras e n'este desejo ha uns laivos de grosseiro materialismo, o que admira em quem pretendeu estabelecer um novo systema de revelação religiosa a que mais adiante nos referiremos. Saint Simon combatia a religião christã porque esta leva á abnegação, á renuncia, á privação, ao passo que o seu systema se pronuncia em favor da satisfação e do prazer. Não é significativo e eloquente este motivo de combate ao christianismo, que os discipulos do celebre fundador proclamam bem altamente?

Na ordem economica Saint Simon segue as pisadas de Babœuf abolindo os principios da propriedade e, por consequencia, da hereditariedade, os dois mais fortes esteios da sociedade e da familia. Na ordem religiosa é pantheista; crê em Deus e define-o assim: «Deus é um; Deus é tudo quanto existe; tudo está n'elle; tudo é por elle, e tudo é elle.» (*Exposition de la doctrine saint-simonienne*, cit. no livro de Martinet *La science sociale au point de vue des faits*). O homem é «uma representação finita do Ser infinito: amor, espirito e materia; intelligencia e força; sabedoria e belleza.» No livro já citado, *Le Nouveau christianisme*, proclama indigna e a caminho da bancarrota a Igreja catholica, e lança as bases da sua igreja, admittindo Christo, mas considerando a sua acção incompleta. O segundo Messias, que havia de completar a acção de Jesus Christo, era elle. Saint Simon não tinha pejo de se intitular revelador religioso e affirmar que tinha recebido por missão continuar Christo e aperfeiçoar a sua obra, como se aquella obra inimitavel e divina pudesse ser excedida por qualquer ente humano. Este impostor religioso que, pelo impagavel e drolatico das suas ideias, não merecia o ruido que á volta d'elle se tem feito, acabava apenas de cimentar os alicerces da sua igreja quando, cahido na miseria, depois de ter devorado loucamente o patrimonio paterno, tentou suicidar se. Que admirar n'este procedimento? A alma onde a fé jaz extincta transforma se, no dizer de E. Mahon, n'um terreno esteril, onde só bracejam as raizes da ideia da destruição individual.



Depois da morte de Saint Simon os discipulos augmentaram o corpo de doutrinas do mestre e fizeram d'ella o seguinte burlesco resumo, que dá a medida do seu juizo e orientação: «Depois de Deus, o Messias. O mundo esperava um salvador. . . Saint Simon appareceu. Moisés, Orpheu e Numa (?) organisaram os trabalhos materiaes; Jesus Christo organisou os trabalhos espirituaes; Saint Simon organisou os trabalhos religiosos. Logo, Saint Simon resumiu Moisés e Jesus Christo. Moisés será, no futuro, o chefe do culto; Jesus Christo o chefe do dogma; Saint, Simon será o chefe da religião, o papa.» O leitor perguntará, confuso, se estamos inventando disparates de conta propria. Não estamos. As linhas citadas foram publicadas no artigo, *Os philosophos francezes no seculo XIX*, na revista ingleza *British and foreign review*. Encontramol-as no livro de Martinet, a que já alludimos. O programma-doutrina de Saint Simon completava-se com a reorganisação da familia; a libertação do proletario; a abolição de todos os privilegios de nascimento; a reconstituição da propriedade em bases novas; a egualdade social, sob a reserva do direito das capacidades; a criação do «padre social», homem e mulher, moderador e estimulador das paixões, segundo fosse necessario; a reabilitação da carne, santificação das paixões sensuaes e dos prazeres da meza, etc. Este *attrahente* programma não teve o menor successo. Todo o systema falliu sem chegar a ser experimentado. Sessenta a setenta annos volvidos sobre a loucura saint-simoneana, ainda vemos, mesmo entre nós, o messias barão capitulado de fundador do socialismo moderno e pelos proprios socialistas. Quando estes vão assim procurar tão honrosas filiações historicas, escusado será accentuar o seu valor moral e intellectual!

Não é maior o valor intellectual do inglez Roberto Owen, homem pratico, egoista, utilitario, que lêra Rousseau, e fôra influenciado pelos nefastos principios d'este philosopho. Para todos os que se julgavam obrigados a destruir, Rousseau constituia uma fonte a miúdo consultada. Martinet chama a Owen o propheta do atheismo; effectivamente o operario inglez, guindado a fundador do socialismo, não reconhecia Deus e bania-o da sociedade em nome da felicidade humana. Que jogo de palavras!

Owen queria a sociedade communista, e, a dentro dessa sociedade, a maxima irresponsabilidade. Mais alguns passos e seria o regimen anarchico hoje preconizado pela moderna escola dos libertarios. Nos dois livros que elle deixou á humanidade, *New views of formation of human charater* e *Outline of the rational system*, Owen revela-se o sonhador, o utopista, exagerando as realidades, falseando as cousas e fazendo antever, ao proletariado, a felicidade geral n'um futuro bem proximo. A alma, segundo o philosopho inglez, deve ceder o logar á materia; o verdadeiro papel do homem n'este mundo está em satisfazer as necessidades corporaes, quaesquer que ellas sejam. O homem é uma machina sem vontade propria, sem livre arbitrio, sem espontaneidade, fatalmente submettido ás circumstancias, e, por consequencia, não podendo ser admirado nem pelas virtudes nem pelos crimes. Não é isto degradante?

Os acontecimentos são explicados pelo fatalismo; é o acaso quem guia a sociedade, «Os exemplos do bem, escreve elle, tornam-se inúteis desde o momento em que o individuo é constrangido a proceder fortuitamente, pois que os seus actos são preparados pela corrente dos acontecimentos e n'elles só tem uma parte puramente passiva.» Este systema daria em terra com a ordem social e a ordem moral; sendo o individuo

irresponsavel, o delicto seria uma acção comprehendida e justificada. Esta perigosissima utopia prepararia logicamente o regresso da humanidade aos tempos primitivos em que o delicto era permitido, o crime, o homicidio, e onde ninguem tinha a vida ou os prazeres garantidos. A supremacia ficava sendo do mais forte.

(Conclue).

DE TUDO UM POUCO

## Historia alegre

O imperador Carlos V, andando de visita ao seu vastissimo imperio, chegou a uma cidade onde a quantidade e a qualidade dos pinhões e dos figos eram extraordinarias.

Os vereadores municipaes tiveram uma sessão previa para se resolver a melhor forma de obsequiare o soberano, e, posto que alguns opinassem por um presente de pinhões, venceram em votos os partidarios dos figos.

A' chegada dos monarchas e depois das mesuras do estylo, o presidente da camara apresentou-lhe uma bandeja de prata repleta de saborosos figos, acompanhando a offerta das seguintes palavras:

— O que esta terra produz de melhor, real senhor, são os figos, e existem em tal quantidade que até os damos aos porcos.

Carlos V não se conteve e pespegou com o resto dum figo em que já dera uma dentada na cara do desastrado presidente.

Vendo esta acção, os cortezaões que acompanhavam o rei, julgando ser ella da praxe, metteram todos as mãos na bandeja e foram esborrachando os figos nas bochechas dos senhores vereadores.

A scena ficou por aqui, mas um dos vereadores quando lavava a cara no fim da regia recepção, dizia para a consorte:

— Em que estado ficariamos nós se em vez de figos teem vindo as pinhas, como era do meu parecer!

### Trechos escolhidos:

O nome do Senhor seja louvado  
Na terra e nas alturas:  
Louvem-no estrellas, lua, sol dourado  
E angelicas creaturas.

Louvem-no de continuo os ceus profundos  
E as aguas lá de cima;  
Se ouvem o nome do que fez os mundos  
E a todo o ser anima

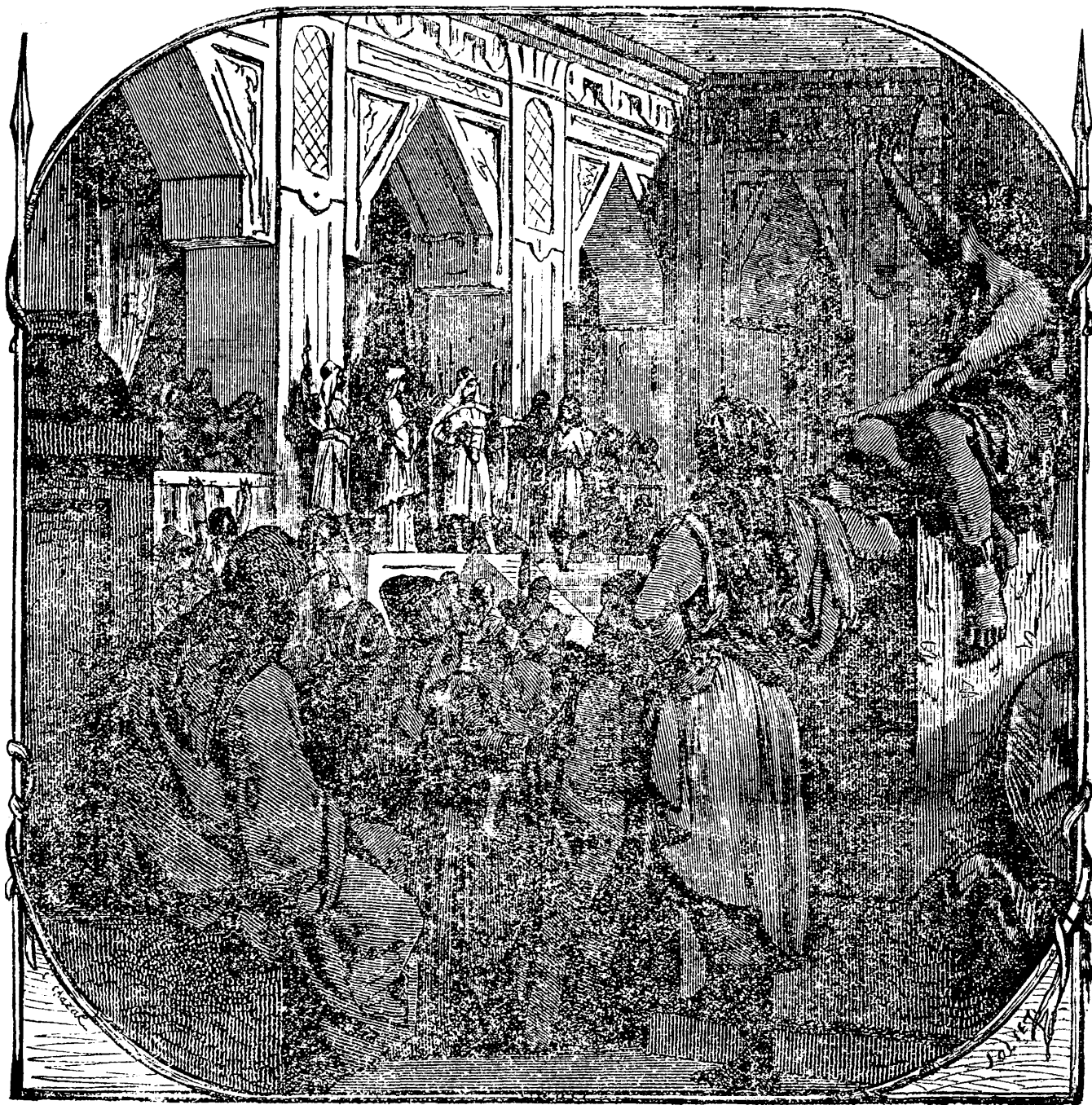
E, dando luz a cada ser creado,  
Poz-lhe um preceito que, hade  
Permanecer constante, inquebrantado,  
Por toda a eternidade!

Louve-o quanto na terra se sustenta,  
Louve-o até o inferno;  
Louve-o a tempestade, que rebenta  
Fiel á voz do Eterno.

Louve-o o monte, que a sua cumeada  
A's nuvens alevanta;  
Louve-o a arvore de fructos avergada,  
Louve-o a esteril planta.

A ave que vóa, a fera, o bicho immundo,  
Louvem-no a cada instante  
Povos e reis, novos e velhos, . . tudo  
Em tudo o louve e cante!

Cantido de Figueiredo.



A cabeça de S. João Baptista é apresentada ao povo

Calendario :

Julho  
15  
1902

A 15 de julho de 1764 foi assassinado na prisão onde Catharina II o fizera encerrar o príncipe Ivan, herdeiro do throno da Russia. Ivan descendia de familia imperial e pertencia-lhe de direito a coroa do czar se Pedro III não tivesse deixado nenhum filho.

Com receio de que o joven Ivan ou a sua familia prejudicassem o imperio com a sua ambição, Catherina II, ainda grã duqueza, fizera-os prender e encerrar em Peterhof, numa escura masmorra. O motivo d'esta prisão é que, sendo Pedro III doente, os medicos affirmavam que não poderia ter nenhum filho, indo parar por consequencia a corôa ás mãos de Ivan. O proprio Pedro III mais tarde, quando rei, quiz nomear Ivan herdeiro do throno e formou o projecto de o ir buscar á prisão, projecto que não chegou a realisar.

Isto não convinha por fórma nenhuma á sua ambiciosa

esposa que formára o projecto de se sentar no throno imperial sózinha. Catherina II começou por se declarar contra o marido, enviando contra elle um exercito e mandando-o assassinar pelo seu favorito Gregorio Orloff. Depois, enviou um emissario secreto á prisão onde Ivan se encontrava com o fim expresso de acabar com a vida d'aquelle que podia oppôr se, escudado no direito, aos seus ambiciosos projectos.

Ivan foi surprehendido pelos malfetores, capitaneados pelo emissario da imperatriz, de noite. Ouvindo alguns tiros, trocados entre as sentinellas que lhe guardavam a porta e os assassinos, accordára e comprehendendo o que se passava, supplicou aos conjurados que lhe poupassem a vida. Quando viu que os malfetores nenhum caso faziam das suas supplicas, achou forças no seu desespero e conseguiu defender se por muito tempo. Com a mão direita decepada e o corpo coberto de feridas apanhou a espada de um dos conjurados e quebrou-a; mas, emquanto se de-

batia nas mãos d'este conjurado, um outro apunhalou-o pelas costas, derribando o. Então acabaram de lhe tirar a vida a golpes de bayoneta.

#### Notas de sciencia :

Assim como ha pessoas que se não podem conservar de pé: os ataxicos, tambem existem algumas que não podem permanecer sentadas.

Na Hespanha tornou-se agora publico, mas só n'um limitado circulo, um caso d'este genero. Actualmente o medico de Praga, Haskovic, está estudando dois d'estes casos.

O primeiro é o de um homem de quarenta annos que, quando se senta, soffre grandes sobresaltos que o fazem cair ao chão. Se pretende sentar-se de novo, outro ataque mais forte obriga-o a abandonar o seu proposito.

O segundo caso corresponde a um neurasthenico de cincenta e quatro annos que, ainda que se sente á meza para permanecer sentado, é arrojado com violencia ao solo, como se da cadeira surgissem molas invisiveis que o derribassem.

Outras vezes, ainda que mais raramente, ao sentar se só soffria o mal estar produzido pelo receio de que aquella força quasi sobre natural o expulsasse do assente.

O doutor Haskovic attribue esta enfermidade a um estado transitorio de hiperexcitabilidade dos centros nervosos.

#### Pensamentos :

Quem patrocina aquelle que o não merece é insensato; mas quem deixa de proteger e patrocinar o benemerito é malevol. Parece-nos que será melhor ser dos primeiros que dos segundos.

— Mecenas dizia ao seu Augusto que não permitisse que lhe fizessem estatuas de ouro e de prata, porque sempre se consideravam de pouca duração, como fabricados de materia que se podia conceber como fragil; mas que elle mesmo a fabricasse com beneficios no entendimento dos homens, porque só estas seriam eternas e immortaes. Que não consentisse que lhe erigissem templos, porque só a virtude é quem faz os homens semelhantes a Deus, porque, por decreto dos homens, nenhum chegará a parecer se com Deus.

— Se os homens que sabem fallar bem soubessem bem obrar, seria isso uma grande perfeição; veriamos melhor successo nos negocios e os principes mais bem servidos.

#### Curiosidades :

Um resultado bem inesperado das estatisticas agricolas e industriaes da Europa :

A fabricação dos paus de madeira para os lapis é um dos principaes agentes das devastações silvestres. Verificam-se que na Baviéra, por exemplo, onde se produzem annualmente perto de 250 milhões de lapis, esta industria custa uma superficie de madeira de cedro avaliado em 720 hectares.

Em Inglaterra esta ameaça de devastação de arvores inquieta os arboricultores a ponto de provocar congressos em que a questão está sendo seriamente estudada.

No futuro ainda havemos de ver, segundo todas as probalidades, formar-se uma liga de anti-lapistas.

#### Humorismos :

— Então você tem a superstição de ter uma ferradura no degrau da porta! Já lhe deu bons resultados?

— Esplendidos! Um dia d'estes veio cá o alfaiate pedir-me que lhe pagasse a conta. Tropeçou na ferradura, cahiu e quebrou uma perna! Não volta cá tão cedo!

#### AS NOSSAS GRAVURAS

### S. Lucio, Bispo

O martyrologio romano commemora a 2 de março S. Lucio, Bispo de Cesaréa, na Cappadocia, e seus companheiros Absalão e Sergio, ou Gregorio, com a qualidade de santos martyres da referida cidade.

Tamayo Salazar, no seu martyrologio hespanhol, escreve que S. Lucio foi Bispo de Britonia, antiga cidade hespanhola, hoje chamada Mondoñedo, e que tendo ido a Cesaréa da Cappadocia nos tempos da perseguição de Nero e achando os fieis dispersos pelo temor da horrivel matança que n'elles faziam os emissarios do imperador, os reuniu com muita caridade, animando-os a padecerem por Jesus Christo.

Não estiveram occultos por muito tempo estes officios e sendo reprehendidos em tão santa occupação, foi delatado ao governador, que ordenou a immediata prisão de S. Lucio com os outros fieis que o acompanhavam.

Como todos persistissem na confissão da fé, encarceraram-nos e dentro do carcere os degollaram.

Assim conseguiram a aureola de martyres o nosso Santo e os outros illustres confesores que o acompanhavam no anno de 263.

### A cabeça de S. João Baptista é apresentada ao povo

O precursor de Jesus Christo fôra preso por Herodes Antipas, que o mandou encarcerar n'um castello. Um dia, que Herodes deu grande banquete, sua filha Salomé dançou com tanta graça na sua presença, que o principe lhe disse que pedisse o que quizesse, que lhe daria.

Por conselho de Herodias, sua mãe, Salomé pediu a Herodes a cabeça de S. João Baptista. Immediatamente o principe mandou cortar a cabeça ao precursor por um dos seus guardas, que a apresentou escorrendo sangue n'uma bacia.

O historiador Josepho commemora bellissimamente a memoria de S. João Baptista. «Era, diz elle, homem dotado de todas as virtudes e exhortava os judeus a que as praticassem para com Deus e para com os homens; convidava-os a receber o baptismo, asseverando-lhes que se tor-dariam agradaveis ao Senhor se renunciassem aos seus peccados e reunissem á pureza da alma a do corpo.»

Este historiador acrescenta que os judeus attribuiram á morte de S. João os revezes que depois soffreu Herodes.

#### CHRONICA SOCIAL

### O "Volksverein,"—Liga d'acção social

#### Continuação

Como se vê, basta ter achado n'uma localidade um ou dois «homens de confiança»—e o parochio do local quasi sempre os pode indicar—para que o Volksverein se comece a implantar na região.

Esta organização é muito engenhosa. Monsenhor Kannengieser faz salientar admiravelmente as suas vantagens<sup>(1)</sup>: «O homem de confiança, diz elle, não é um chefe, um presidente que possa fazer sombra aos outros. Aos olhos dos fieis é simplesmente um christão mais fervoro-

(1) Cf. Mgr. Kannengieser, *op. cit.* pag. 201.



so, mais zeloso, que tem a paixão das cousas religiosas e sociaes. Muitos hesitariam talvez em entrar n'um circulo; mas não recusariam a adhesão aos representantes d'esta obra. Sob o ponto de vista da propaganda, já aqui vemos uma primeira vantagem.»

Uma segunda vantagem é que esta maneira de proceder permite começar a obra em cada aldeia com um nucleo muito modesto: «Desde que é necessario crear um circulo, uma sociedade com presidente ou director, é preciso certificarmos-nos do concurso effectivo d'um certo numero de pessoas. E' bem facil juntar uma centena de membros, uma vez que se tenham vinte ou vinte e cinco. A difficuldade está em reunir um primeiro grupo, e a maior parte das vezes os mais energicos organisadores veem os seus esforços despedaçados contra este obstaculo inicial. Que de localidades onde sem custo se arrastava a maior parte da população, se houvesse dez homens para atacar o bloco! Resulta d'isto que uma obra que exija uma organização local completa, com uma direcção autonoma, arrisca-se a não vingar com rapidez.»

Mas o Volkverein foge a este perigo: «Logo que nomeou os seus agentes n'uma provincia ou n'um districto, pode implantar-se immediatamente em todos os pontos do paiz. Basta que em cada localidade existam, pelo menos, um ou dois «homens de confiança.» Ora estes homens encontram-se quasi por toda a parte, e, em ultimo caso, poderiamos servir-nos do clero parochial. O cura e os vigarios são os primeiros *Vertrauens maeener*, os auxiliares natos da associação. Os simples fieis secundam-nos pouco a pouco e assim o comité director tem facilidade em operar efficazmente e ao mesmo tempo sobre todos os catholicos d'uma região.»

\*

Acabamos de indicar a organização geral do Volkverein, nas suas grandes linhas pelo menos. Examinemos agora a que grau de desenvolvimento conseguiu elle chegar.

Encontraremos as estatisticas no *Handbuch* (1) publicado recentemente pela sede central e que é uma verdadeira mina de informações preciosas.

Há doze annos que o Volkverein vem progredindo no seu conjuncto, (2) mas, durante os ultimos cinco ou seis annos, o progresso foi um pouco mais lento que ao principio; no fim de 1901 a Associação popular contava um total de 185:364 membros, ao passo que em 1896 o numero dos seus membros era apenas de 179:172.

Eis, de resto, o detalhe dos algarismos para as differentes partes do imperio allemão. A seguir a esses algarismos, publicamos o numero de votos obtidos nas eleições legislativas de 1898 em cada região, pelos candidatos do centro. Ver-se-há ahi a estreita relação entre estes dois factos, mas verificar-se-há tambem que o Volkverein está ainda longe de ter agrupado todos os electores catholicos.

(Continua).

## RETROSPECTO DA QUINZENA

### Interior

**Dois jornaes** diarios de Lisboa há mais de quinze dias que se vem insultando mutuamente, em palavras desbocados profundamente offensivos da moral. Não desconhecemos as razões que a um dos jornaes assiste para fazer a liquidação d'um monturo que para ahi se erguia a corromper consciencias, mas temos o dever de protestar, pela moral offendida, contra os termos em que essa campanha é feita. Pode-se ser violento sem ser obsceno. Pode-se ferir sem recorrer a meios tão sujos. A missão de purificar a atmosphera jornalística de dois criminosos que a emporcalham e viciam impunha-se como uma necessidade urgente; mas costumam ser limpos e desinfectados os instrumentos com que se fazem as mais delicadas autopsias, os mais repugnantes curativos...

\*

**A reforma dos estrangeiros**, onde se commeteram toda a casta de illegalidades, é o assumpto predominante da politica, que vem merecendo a attenção de todos os jornaes partidarios. Esperava-se tudo do actual gabinete; mas não se esperava tanto. A reforma feita foi exclusivamente uma reforma politica; os amigos e influentes foram promovidos, collocados nos logares melhores; os outros recuaram muitos graus na escala das promoções, desrespeitando-se assim a ordem da antiguidade. O escandalo é tão grande que se acredita geralmente que o futuro governo, qualquer que elle seja, não aceitará a reforma, e tratará de modificar a convenientemente. E' n'estas reformeas que os nossos estadistas se entreteem, á porta da fallencia e do abysmo... Triste situação!

\*

**Um monumento operario** erigido ao grande e glorioso Pontifice Leão XIII é um facto que não pode passar desapercibido. Tratam de erigir os catholicos internacionaes, tendo-se estabelecido em todas as regiões um representante encarregado de recolher a modesta quota e de a enviar para Roma, á commissão central. No nosso paiz é collecto o nosso presadissimo amigo e conhecido catholico sr. D. Francisco de Paulo da Silva Peivoto e Bourbon (Lindoso). Sabemos particularmente que os circulos de operarios catholicos já contribuíram com a sua quota, folgando por terem occasião de prestar essa homenagem insignificante ao glorioso Pontifice Romano. A collecta não se encerrou ainda; os donativos podem ser enviados para Lisboa, redacção do *Correio Nacional*, ao nosso amigo acima citado.

\*

**A Tuy** foram ante-hontem numerosos operarios portuguezes, dos circulos catholicos de Vianna, Arcos, Guimarães, Porto e Gaya. Foi uma excursão imponentissima pelo numero de operarios que n'ella tomou parte. Organizou-a o nosso presado amigo, rev.º Padre Manoel Esteves, presidente do Circulo de Vianna, e um dos melhores organisadores sociaes que temos conhecido, verdadeiro espirito moderno, activo, ousado, emprehendedor. Em Tuy foram os excursionistas magnificamente recebidos pela população hespanhola, vindo de lá encantados com a affavel e gentil recepção. Que estas excursões tão bellas e de tão fecundos resultados praticos se repitam muita vez, é o que do coração desejamos.

\*

**O Centro Nacional** vae progredindo na sua obra de organização, lenta mas firmemente. A proposito, tem a imprensa nacionalista recommendado a todos os catholicos que dediquem o melhor da sua attenção ás questões

(1) Cf. *Handbuch*, op. cit., pag. 52 e 53.

(2) Dizemos «progredir no seu conjuncto» porque se analysarmos o quadro estatístico publicado pelo *Handbuch* (pag. 52 e 53) verificaremos entre 1896 e 1901 notaveis decrescimentos do movimento em certas regiões; assim, por exemplo, em 1901 em Westphalia havia 32:296 membros contra 34:538 em 1896. Mas é verdade que, ao contrario, há regiões em que se constata progressos enormes, como na Silesia que passou de 3:307 membros a 11:448. (O progresso na Silesia é devido verosimilmente ao congresso de Neiss realizado em 1899.)

sociaes, organisando caixas ruraes e outras collectividades de acção popular catholica. D'uma d'estas associações da Allemanha, o *Volkverein*, temos vindo coboçando o programma: elle pode servir para uma organização similar entre nós. Concluido esse estudo, publicaremos outro sobre o mesmo assumpto, que orientará os catholicos nos primeiros passos a dar...

## Exterior

**O catholicismo na Allemanha** augmenta de influencia. Os periodicos catholicos allemães publicam o texto do discurso pronuciado pelo general barão de Loé, por occasião do vigesimo quinto anniversario da exaltação de Leão XIII ao solio pontificio «O Papa, disse o supracitado general, declarou que a Prussia era superior a quasi todos os outros estados sob o ponto de vista de liberbade religiosa. Isto é um facto que o Vaticano reconhece sem difficuldade alguma, em comparação com o que succede em França. O Cardeal Rampolla reconheceu tambem que graças á sabedoria e á justiça do nosso governo e em particular do imperador, a nossa situação religiosa é maito preferivel á da França. O Cardeal Secretario de Estado está completamente de accordo com o Papa em honrar o imperador da Allemanha, em apreciar a amizade que o nosso Seberano sente pela pessôa do Summo Pontifice e em reconhecer a justiça de que o imperador dá provas a respeito dos catholicos allemães.» Estas palavras são consoladoras, e tem grande importancia por partirem da bocca d'um allemão...

**O anti-clericalismo em França** chegou ás ultimas extremidades. Como amostra da perseguição que ao clero estão fazendo os sectarios anti clericos, copiamos de *La Voix Nationale* a local que publica com o ironico titulo de *Um homem perigoso*: «Entre os parochos privados n'estes ultimos dias das suas temporalidades, figura o abba de Jeanningros, cura de Passaufontaine. Este sacerdote foi despojado dos seus honorarios unicamente por ter pronunciado estas palavras no pulpito no dia das eleições: «Meus irmãos, é preciso que nos mostremos bons catholicos e bons francezes.» A confiscação das temporalidades parece-nos ainda pena pouco rigorosa para fazer expiar o crime d'este homem perigoso. O mesino abba de Jeanningros recebeu ha alguns annos uma medalha de honra por ter salvo d'um incendio uma senhora de avancada idade que ia perecer nas chamas. Decididamente é um homem perigoso; salva as pessoas das chamas e exhorta os cidadãos a serem bons francezes. Guilhotina com elle!» Sem commentarios...

**O duello**, a instituição mais ridicula que conhecemos, acaba de levar um golpe de morte com a proposta de lei apresentada ultimamente ao parlamento francez pelo senador Girault. Essa proposta diz assim: Art. 1.º Fica prohibido o duello em toda a França e em toda a extensão das colonias. Art. 2.º O duello entre francezes commettido no estrangeiro castiga-se com as mesmas penas e pertence á mesma jurisdicção que o duello commettido na França. Art. 3.º Fica prohibida a publicidade do duello, a qual castiga os seus auctores com as mesmas penalidades applicadas aos que tomaram parte no desafio. Art. 4.º Todo o francez convencido de ter tomado parte n'um duello será castigado da seguinte forma: a) os auctores do duello a oito annos de privação de direitos civicos; b) as testemunhas a cinco annos da mesma pena; c) em caso de morte ou de reincidencia, privar-se hão tambem os mesmos individuos dos direitos civis. Art. 5.º Para todo o

estrangeiro que tenha tomado parte n'um duello em França, as penalidades serão as seguintes: a) Para os auctores do duello um anno de prisão, e, quando o castigo expirar, a expulsão do territorio francez; b) para as testemunhas um mez de prisão e a expulsão do territorio francez. Art. 6.º Ficam revogadas todas as leis e decretos contrarios a esta lei.» Seria bom que todas as nações imitassem a França n'este sentido...

**Em Roma** celebrou se agora com desusado esplendor o centenario de Santa Philomena, na egreja de Santa Pudenciana, o templo mais antigo da cidade eterna. Um incidente occorrido na tarde do ultimo dia d'estes cultos sollemnissimos commoveu profundamente a multidão, agglomerada nas amplas naves do historico templo. Prégava eloquentemente o abba de Monetér, e fallando do testemunho que o homem deve dar sempre da verdade, pela sua doutrina, pelo exemplo, e, quando chegar a occasião, até pelo derramamento do sangue, commovido e com lagrimas nos olhos evocou a recordação das pobres creanças polacas, que estão soffrendo nas escolas primarias toda a especie de torturas, para salvar com o uso do seu idioma nativo a integridade da sua fé. Um sacerdote de religioso aspecto, que se conservava a um canto quasi escondido, abre então caminho atravez da multidão dos fieis, sobe ao pulpito e abraça o prégador n'um verdadeiro transporte de enthusiasmo. Era um Bispo polaco, desterrado pelas auctoridades prussianas e que chegara a Roma n'aquella manhã. Os nossos leitores comprehenderão facilmente a indiscriptivel commoção que se apoderou do auditorio.

**As congregações** continuam a ser perseguidas em França. Vão vendo os nossos leitores os termos em que o governo francez dá conta ao publico, por meio d'uma nota officiosa dirigida á imprensa, da victoria conseguida pelos seus prefeitos, gendarmes e agentes de policia sobre uma escassa meia duzia de congreganistas: «O decreto approvado no ultimo Conselho de Ministros determinando a melhor maneira de applicar as prescripções da lei de 1901 acerca do contracto das associações, foi levado á pratica em 47 departamentos sem incidente algum» Sem incidente algum! diz a nota officiosa. O mesmo succedia absolutamente quando a ordem se estabeleceu em Varsovia. Tão pouco surgiu incidente algum digno de mencionar-se; mas isto foi só para os que estabeleceram a ordem porque para os então chamados revolucionarios foram muitos e até um pouco desagradaveis os incidentes que surgiram. São decorridos mais de cincuenta annos desde o dia em que a ordem se restabeleceu em Varsovia e ainda milhares de familias choram as consequencias d'aquelle restabelecimento da ordem, alcançado a metralha e mercê de deportações em massa e innumeraveis fuzilamentos. As espantosas illegalidades commettidas em França por causa da applicação da lei de julho, a violação dos domicilios e as odiosas brutalidades commettidas sobre indefezas mulheres não são nada aos olhos do apostata Paulo Combes. A consciencia e a honra são, pelo que se vê, palavras varias de sentido para o presidente do conselho de ministros de França.

## INQUERITOS

### A educação religiosa

O nosso seculo, que tanto se orgulha com os seus progressos, descobertas e invenções, occupa-se acaso do mais essencial, do mais capital para a sociedade? Absorvem nos outras occupações, movem-nos outros interesses...

Agora que tanto se descuida a educação religiosa, hoje que todos os nossos intellectuaes pretendem abolil-a como contraria á civilisação, vamos chamar a attenção dos leitores sobre tão importante assumpto, que interessa grandemente á sociedade, aos paes de familia e ás creanças. Para este fim, e para que ninguem suspeite das nossas palavras, vamos documentar a nossa these com as opiniões de alguns auctores, que são insuspeitos para os falsos lib-raes e depois a corroboraremos com os nossos argumentos e observações n'este e nos seguintes artigos.

Ouçamos as opiniões d'esses escriptores.

*Victor Hugo*, na assembleia nacional franceza, dizia: «Devem ser levados aos tribunaes os paes que enviem os seus filhos ás escolas em cuja porta está escripto — Aqui não se ensina religião.—O ensino religioso é, no meu entender, hoje mais necessario do que nunca. A' medido que o homem se civilisa, mais deve crer. Quero pois sinceramente, direi mais, ardentemente o ensino religioso.»

*Diderot*: «O primeiro conhecimento essencial á juventude deve ser a religião, unica base da moral. A religião deve ser a primeira lição e a lição de todos os dias.» E este philosopho do seculo de Voltaire, insuspeito para os racionalistas e impios, indica tambem qual era o livro em que se deviam aprender as lições diarias da moral. Dizia elle: «Procurei muito primeiro que encontrasse livros para ensinar minha querida filha e não encontrei nenhum melhor que o Cathecismo da diocese. Sim; não se admirem se recorro ao Cathecismo, porque n'elle encontro o melhor tratado de pedagogia. Que fundamento mais solido posso dar á educação de minha filha?»

*Guizot*: «Todos reconhecem que a instrucção primaria deve ser essencialmente religiosa, mas não basta que isto se diga; é preciso que se converta n'uma realidade pratica. Em que consiste uma verdadeira educação religiosa e popular? Não consiste unicamente na recitação do Cathecismo, nem na explicação do dogma e dos principios fundamentaes do Christianismo; requer-se a presença constante e sempre activa da fé e da influencia religiosa nas escolas; deve ser uma educação popular dada no meio d'uma atmosphera e d'uma vida essencialmente religiosa.»

*Disraeli*, estadista inglez: «Tenho por certo que um systema de educação nacional não baseado sobre o conhecimento da religião produzia um desastre nacional mais funesto para o Estado que para a Igreja.»

*Jouffroy*, philosopho francez: «Não pode haver mais que uma opinião: proclamar que sem religião não ha educação moral possivel e que a religião deve ser a principal cadeira das escolas normaes dos nossos mestres.»

*Legouvé*, membro da Academia franceza: «Não ha educação possivel sem as ideias religiosas. Enquanto a mim, não receio affirmal-o; se estivesse na imprescindivel necessidade de escolher para uma creança entre saber ler e saber resar, preferiria que soubesse resar, pois resar é ler o mais bello dos livros na mente d'Aquella de quem emana toda a luz, toda a justiça e toda a bondade.»

*Thiers*: «Eu peço formalmente uma coisa: que se eliminem esses professores leigos, geralmente detestaveis. Quero Irmãos (professores religiosos) ainda que noutro tempo tenha desconfiado d'elles. Quero tornar omnipotente a influencia do clero. Quero que a acção do padre seja forte, muito mais forte que hoje é, porque conto com elle para propagar a boa philosophia que ensina o soffrimento ao homem que está na terra para soffrer... Sim, nunca o repetirei bastante; o ensino primario nunca produzirá bons resultados senão quando o clero exerça n'elle uma grande influencia.»

*Jules Simon*: «Não só a titulo de catholico deseja ver o nome de Deus escripto na lei. Tambem desejo isso porque me repugna, a mim, antigo professor, ver esse nome

excluido da lei, sobre tudo no ensino primario. Isto perturba-me, afflige-me, entristece a minha alma e a minha vida. Não me parece já estar no mundo em que vivi, no paiz em que ensinei. N'outros tempos consideravamos como o nosso primeiro dever o fallar de Deus ás creaturas:»

*Portalis*: «Não ha instrucção sem educação, sem moral, sem religião. Os professores e mestres são vozes que clamam no deserto, porque imprudentemente promulgaram que na escola não se deve fallar em religião. E' necessario collocar a religião como base da educação... Sem ella, os costumes corrompem se e então sae da escola uma canalha feroz.»

*Bouamer*, ministro da Instrucção Publica na Austria: «A vida dos povos requer uma educação fundada, não sobre theorias, mas sobre realidades immutaveis, sobre os principios do christianismo, verdadeiro sustentaculo das familias e do estado.»

*Gladstone*, chefe que foi do partido liberal na Inglaterra: «Todo o systema que põe de lado a educação religiosa é um systema perigoso.»

*Guilherme*, imperador da Allemanha: «E' bom que se instruem os jovens na sciencia, mas é preciso não esquecer o que tem importancia capital na educação: a religião sobre tudo e acima de tudo. A vossa missão mais difficil e importante é pois a de educar a juventude no temor de Deus e ensinar-lhe o respeito pelas cousas santas.»

*Washington*, fundador da republica norte-americana: «A razão e a experiencia prohibem-nos esperar que a moralidade possa existir, excluindo os principios da religião.»

*Caprivi*, o famoso chanceller do imperio allemão, ao discutir-se no Reichstag a lei de instrucção publica: «O que mais importa ao homem é a sua relação com Deus; não comprehendo que existam escolas sem ensino religioso. Com o tempo virão os homens a aprender os seus deveres de toda a especie na escola da religião e então comprehenderão quanto importa ensinar a religião nas escolas.»

Fechamos por hoje o inquerito n'esta altura. Mas promettemos continuar, logo que haja oportunidade.

*Encyclopedia Portugueza Illustrada*—Recebemos o fasciculo 183 d'este magnifico dicionario universal publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Encerra 909 artigos e 12 figuras (*Encamorado a Endurecido*). Entre os artigos mais notaveis d'este fasciculo apontaremos: *Encoge*, do snr. Cons. Francisco de Paula Cid; *Endocardite*, do snr. dr. Alberto d'Aguiar e *Endosso* do snr. Ricardo Malheiros.

Continua a assignar-se este opulento dicionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.<sup>a</sup>, successor, Largo de S. Domingos, 63 1.<sup>o</sup>. Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Belem & C.<sup>a</sup>, Rua do Marechal Saldanha, 26.

*Prosa rimada ou rimas populares*—Com este titulo recebemos um volume de versos, de quatrocentas paginas, de que é auctor o sr. A. Alves de Almeida, nosso antigo collaborador. A edição é nitida e elegante, sendo o custo de cada exemplar 500 reis.

Das poesias que o livro contem, nada podemos dizer por enquanto, visto que ainda o não lemos. N'um dos proximos numeros desempenhar-nos-hemos d'esta missão.

Com este volume recebemos tambem *Barbarismo ou a famigerada sentença dos Tuvoris*, do mesmo auctor, opusculo muito interessante que custa apenas 50 reis.

Os pedidos podem ser feitos ao auctor, para Figueiró dos Vinhos.

## LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

**Imitação de Christo.** Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por Monsenhor Manuel Marinho. Approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preço: Em percalina, 300 reis. Em carneira com folhas douradas, 500. Em chagrin douradas. 1\$000

**Método de assistir ao Santo sacrificio da Missa.** Obra extrahida da novissima edição da «Imitação de Christo», anotada e confrontada com o texto latino por Monsenhor Manuel Marinho. Obra approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preço: Enc. 100 reis. Broch. 50

**Bernadette** — Sorr Maria-Bernarda, por Henrique Lasserre. Vertido da vigesima-segunda edição franceza por A. Peixoto do Amaral. 1 vol. broch. 400

**Flores a S. José.** Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno com exemplos apropriados, colloquios, etc. Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres, doutores da Igreja e outros eminentes auctores e coordenadas por A. E. F. Obra approvada e indulgenciada. 2.<sup>a</sup> edição. Preço: encadernado 200

**Cartas Encyclicas de Sua Santidade Leão XIII**—4 vol. Broch. 2\$000. Enc. 2\$500

**Vieira-Pregador** pelo rev.<sup>mo</sup> Padre Gonzaga Cabral. 2 vol broch. 2\$000

**Vida, virtudes e milagres** do B. João Grande. 1 vol. broch. 500

**Historia de Santa Chantal.** 2 vol. enc. 2\$000

**Historia de S. Francisco de Assis** por J. M. S. Daurignac. Tradução de M. Fonseca. 1 vol. broch. 600

**Vida Popular de S. João de Deus**—Fundador da Ordem que usa o seu nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diversas approvações—1 vol., broch. 500

**As Tres Rosas dos Escolhidos**—Por Monsenhor Ségur—Tradução franceza pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Samodães—Com um breve de S. S. Leão XIII, e approvado e recommendado pelo Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch. 200

**A Mãe segundo a vontade de Deus**, pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertido do francez, pelo sr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., brochado. 600

**A Santa Montanha de La Salette**—Por A. J. Almeida Garret—Approvado pelo Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

**Uma Visita a Lourdes**—Pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Samodães—1 vol., broch. 200

**Catholicismo** para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago—Approvado pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50

**A Mulher**—Apontamentos para um livro, por A. Severo Catalino, traduzido pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Samodães—1 vol., brochado. 400

**Resumo da Doutrina Christã**—Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto—Cada cento, 1\$000 reis—Um exemplar. 20

**A Questão dos Jesuitas**—Por J. F. da Silva Esteves—1. vol., broch. 600

**O Livro de Todos**—Pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertido do francez pelo sr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., broch. 600

**Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus**—Approvadas para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII. por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899. 10

**Forma** de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. 50

**Preces** que por ordem de Sua Santidade de Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as egrejas do orbe catholico—Tradução approvada pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto—Em portuguez, 10 reis—Em latim e portuguez 50

**Oração** para se offerecer a Sagrada Communião—Approvada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. 10

**Relação Geral** das freguezias da diocese do Porto. 1 vol., broch. 300

**Sorrisos d'um velho**—A verdade a rir—O erro chorando.—Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol. Broch. 400

**Vida Popular de S. Vicente de Paulo**, pelo Padre Berthier, conego honorario de Bordeus e Areypreste de Ligorno—traduzida do francez, por M. Fonseca—Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

**A Confissão Sacramental**—Pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Padre Manuel Marinho—Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 250

**O Apostolado da imprensa**—

**O Apostolado da educação**—**O Apostolado do clero**—Conferencias religiosas que nos domingos da quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto, Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. 750

**Os Milagres de Lourdes e o seculo XIX**—Considerações sobre os milagres e replicas aos «espiritos fortes» que os põem em duvida pelo padre J. J. G. 100

**Bento José Labre**—Tributo de respeito no seu primeiro centenario, por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

**Tudo por Jesus** ou caminhos faceis do amor divino, pelo Rev. Padre Frederico William Faber, Superior do Oratorio de S. Philippe de Nery, de Londres, Doutor em Theologia—Obra tradusida do inglez para o francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua para o portuguez por F. Preto Pacheco—1 vol., broch., 600—enc. 800

**Jesus Vivo no Padre**—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.<sup>a</sup> edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portuguezes—Um grosso vol., broch., 700, enc. 900

**O mez dos Finados**—Meditações para todós os dias do mez de Novembro—Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 300—enc. 400

**Defesa da Crença Catholica**—(refutação das «Lendas Christãs» pelo sr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. 3.0

**Oração Funebre** do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Dr. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo titular de Larissa, Coadjutor e futuro successor de Lamego, recitada nas sollemnes exequias celebradas na egreja do Seminario conciliar de Braga no dia 10 de julho de 1890—Preço. 250

**Jesuitas e mais alguma coisa**—Estudo pittoresco da Companhia dentro e fóra da *grainha*, escripto nas horas de bom humor, pelo seu auctor Antonio João Rodrigues da Silva Gandra, Doutor e ex-lente de philosophia, etc., etc., (2.<sup>a</sup> edição)—1 vol., Brochado. 200

**Os Episodios Miraculosos de Lourdes**—por Henrique Lasserre—Continuação e tomo segundo de Nossa Senhora de Lourdes—Obra prefaciada e vertida em portuguez por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—1 vol., broch. 600

**Formula de Consagração ao Sagrado Coração de Jesus**—Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de 1899—Tradução approvada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar. 10

**Meditações para o mez de Maio**—Pelo Padre Afonso Muzzarelli da Companhia de Jesus, com piedosos e lindos colloquios com a Santissima Virgem para todos os dias, e tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo Afonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores—Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch., 100 reis, enc. 160

**Modo de ouvir missa pelos defunctos** e orações do bom christão—Obra recopilada por A. Peixoto do Amaral—Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Vigario Capitular—1 vol., broch., 100—enc. 160

**Historia de S. Francisco de Sales**—Pelo Marquez de Ségur—Traduzida por M. Fonseca—1 vol., brochado. 600

**O mez de Maio**—Consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus—Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Samodães, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Com permissão e approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. 400

**Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria, 74—Porto.**

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA  
Premiada nas Exposições Industrial  
Portuense de 1887, Industrial  
de Lisboa de 1888 e Univer-  
sal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.